

## Os índios

### Por Marina Mesquita Camisasca

---

Os índios do Novo Mundo não formavam um grupo homogêneo, com características lingüísticas e culturais semelhantes. Ao contrário do que se imagina, existiram vários grupos indígenas que apresentavam hábitos e costumes muito variados. Os ameríndios que serão descritos são os do tronco tupi, população bastante homogênea em termos culturais e lingüísticos, que habitava a região litorânea do Brasil, desde Iguape até, pelo menos, a costa do Ceará, no momento da chegada dos portugueses.

As aldeias indígenas eram compostas por uma população de quinhentos até dois ou três mil índios, que eram abrigados em malocas. Essas aldeias, em geral, eram formadas por quatro a oito malocas dispostas em torno de um pátio central. Não existiam divisões dentro das malocas, o fogo era o elemento que separava as famílias, assim cada família deveria possuir o seu próprio fogo. A composição da família era variável, mas a regra de residência era uxorilocal, ou seja, os homens quando se casavam, iam viver no local de residência da esposa. Porém, existiam homens que não seguiam essa regra, atraindo para a sua residência as suas esposas (regra virilocal). Eram os chamados *morubixabas*, guerreiros muito respeitados como chefes das casas, e que conseguiam exercer uma enorme liderança sobre os demais. Esses guerreiros podiam ter várias mulheres, devido ao prestígio que tinham.

Para ser chefe entre os tupis era preciso ser o mais valente, o que mais proezas fez na guerra, o que mais aprisionou e massacrou inimigos, o que possuía maior família e maior número de mulheres. Isso mostra como a guerra era um elemento fundamental para a constituição da sociedade tupi, uma vez que, tornando-se um guerreiro, o índio conseguia obter prestígio. Esse reconhecimento não se restringia apenas à aldeia onde vivia o guerreiro, ele era conhecido tanto nas aldeias “amigas” quanto nas “inimigas”. Existiam entre as aldeias jogos de aliança ou de guerra. Assim, as aldeias poderiam manter relações pacíficas, auxiliando-se na defesa do território, reunindo-se para expedições guerreiras de grande porte, além de participarem de rituais comuns, como na execução de um inimigo. Mas, poderiam também, manter relações marcadas pela guerra. Devido a essas relações de inimizade é que alguns índios se aliaram aos colonizadores, com o intuito de guerrear com outras nações indígenas.

#### **Ritual Antropofágico:**

Grande cerimônia coletiva que tinha como centro o inimigo, que deveria ser executado. Esse ritual era o momento ápice da vida tupi.

Porém, essa guerra não tinha como intuito

conservar ou estender os limites do território

indígena, nem o enriquecimento, mas era marcada pelos sentimentos de honra e de vingança. O principal objetivo das expedições guerreiras era fazer cativos para serem executados e comidos. Após a captura, o índio preso passava a viver na residência do seu captor, que lhe cedia uma irmã ou filha como esposa. O cativo tinha também um papel central nas relações entre as aldeias. Ele deveria ser mostrado aos parentes e amigos, circulava pelas aldeias circunvizinhas, e quando decidiam, enfim, executá-lo, seus captores convidavam os membros das aldeias aliadas, mesmo as mais distantes, para participarem do **ritual antropofágico**. Todos comiam um pedaço do inimigo, exceto o matador, que iniciava um período de resguardo, no qual deveria se abster de uma série de alimentos e atividades. Após a morte do inimigo, o matador recebia um outro nome e ganhava marcações na pele, uma espécie de tatuagem, que lhe conferiam respeito e admiração. Mas morrer nas mãos do inimigo conferia honra à vítima, que considerava o estômago do inimigo a sepultura ideal, pois abria caminho à imortalidade.

Os índios acreditavam na existência de uma “terra-sem-mal”, lugar de abundância, de ausência de trabalho, da imortalidade, mas sobretudo da guerra e do canibalismo. Ela era o destino individual pós-morte dos matadores, daqueles que deixavam memória pela façanha guerreira; mas era também um “paraíso terreal” inscrito no espaço, em algum lugar a oeste ou a leste, que poderia ser coletivamente alcançado em vida. Era sobre este mundo que os grandes pajés - *caraíba* – falavam em suas andanças. Esses homens exerciam sobre os índios uma liderança espiritual e não se opunham à chefia exercida pelos *morubixabas*, que operavam no plano físico, da guerra e da vingança

A mulher tinha um papel muito importante na constituição da sociedade tupi. Ela era responsável por várias tarefas como, por exemplo, a de manutenção das roças de mandioca, batata-doce, abóbora, milho, etc. É da roça que as mulheres tiravam a base da alimentação indígena que eram as várias farinhas. Além disso, a roça fornecia a matéria prima da bebida que era essencial a todas as festas, o *cauim*, bebida fermentada feita principalmente de mandioca. As mulheres eram responsáveis também pelo preparo das carnes que eram assadas no *moquém*, estrutura feita de quatro estacas de madeira fincadas no chão que suportava uma grelha também de madeira.

O homem, porém, ficava responsável pela caça e pela pesca de animais que iriam complementar a alimentação da aldeia. Era também tarefa masculina a obtenção de lenha para o fogo, além deles serem responsáveis pela abertura das roças. Percebe-se, assim, a importância tanto do trabalho feminino quanto do masculino que se

complementavam. O bom funcionamento da aldeia dependia, assim, das tarefas realizadas por ambos os sexos.

**Bibliografia de referência:**

- Cunha, Manuela Carneiro da. Introdução a uma história indígena. In: Idem (Org). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP: SMC, 1992, p 9-24.
- Fausto, Carlos. Fragmentos da história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno- histórico. In: Cunha, Manuela Carneiro da (Org). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP: SMC, 1992, p.381 –396.
- Fernandes, Florestan. Antecedentes indígenas organização social das tribos tupi. In: Holanda, Sérgio Buarque de (Org). *História Geral da Civilização Brasileira*. 7 ed. São Paulo: DIFEL, 1985, Tomo1, Vol1, p.72-86.
- Holanda, Sérgio Buarque de. Índios e mamelucos. In: *Caminhos e Fronteiras*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.19-53.
- Perrone- Moisés, Beatriz. A vida nas aldeias tupis da costa. *Oceanos*, Lisboa(42): 8-20, abril/ junho. 2000.



## **Escravidão, sociabilidades e resistências escravas**

**Por Marina Mesquita Camisasca**

---

Este texto procura retratar as atividades desenvolvidas pelos escravos, assim como as relações estabelecidas entre eles e seus senhores.

No período colonial, o trabalho escravo era muito utilizado em diversas atividades: na caça, na pesca, na agricultura, nos serviços domésticos, nas atividades urbanas, dentre outras. O escravo não era apenas considerado uma mercadoria passível de ser comprada e vendida. Existia toda uma rede de relações pessoais entre os senhores e os seus escravos, revelando um convívio entre as duas partes não marcado apenas pelo castigo. Os escravos conseguiam exercer algumas atividades que lhes propiciavam acumular alguma riqueza, o pecúlio, que era utilizado para a compra da liberdade. Essas atividades podiam ser, por exemplo, o trabalho em terras doadas pelo senhor, a venda de artigos nas cidades, dentre outras. Adquirindo a alforria, muitos escravos tornavam-se libertos, mas ser liberto não significava ser inteiramente livre. Numa sociedade escravocrata como a colonial, os libertos eram, freqüentemente, discriminados e, algumas vezes, tinham que se sujeitar a permanecer sob o domínio dos seus antigos senhores para conseguirem sobreviver. Porém, existiram libertos que se tornaram senhores de escravos. Tudo isso revela que a sociedade escravista possibilitava, em muitos casos, aos negros cativos alcançarem uma posição social melhor que a de escravo. Assim, quem nascia escravo poderia não ser escravo a vida toda. Mas, não se deve esquecer o caráter discriminatório dessa sociedade, que desqualificava o trabalho manual e considerava o negro o único ser capaz de exercer essa atividade tão indigna.

Pode-se imaginar, ainda, que os escravos que sonhavam com a alforria, utilizavam várias estratégias para consegui-la. Essa conquista, porém, não teve como conseqüência, freqüentemente, a negação dos valores e ideais da sociedade escravista. Os libertos, como já foi dito, sempre que possível, procuraram adquirir escravos.

A história do trabalhador escravo não deve ser vista como a história de seres magníficos e heróicos que conseguiram se livrar da dominação dos seus senhores, nem deve ser encarada como a história de homens que foram transformados em coisas e se tornaram totalmente alienados. Os escravos, no Brasil, não foram nem heróis nem

coisas, foram homens que trabalharam e lutaram pela sobrevivência e, devido ao convívio com os seus senhores, muitas vezes, criaram relações muito próximas com esses últimos, que diferentemente do que se imagina, nem sempre foram homens maus que só pensavam em maltratar o negro.

**Bibliografia de referência:**

- Aguiar, Marcos Magalhães de. A evolução da vida associativa em Minas Gerais Colonial e a sociabilidade confrarial negra. *Anais da XXI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica – SBPH*. Curitiba: SBPH, 2002, p.225-236.
- Funari, Pedro Paulo de Abreu. A arqueologia de Palmares – Sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-american. In: Reis, João José & Gomes, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio*. História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 26-51.
- Guimarães, Carlos Magno. Quilombos e a brecha camponesa – Minas Gerais (Século XVIII). *Revista do departamento de História da FAFICH- UFMG*, belo Horizonte (8): 28-37.
- Mattoso, Kátia de Queirós. Ser escravo. In: Idem, *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 98-172.
- Paiva, Eduardo França. Senhores, escravos, coartados e forros. In: *Escravidão e o universo cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 115-237.
- Paiva, Eduardo França. Caminhos da libertação. In: *Escravos e libertos nas Minas do século XVIII*. São Paulo: Annablume, 1995, p. 59-101.
- Paiva, Eduardo França. Discussão sobre as fontes: os testamentos e a temática da resistência na historiografia. . In: *Escravos e libertos nas Minas do século XVIII*. São Paulo: Annablume, 1995, p.27-57.
- Ramos, Donald. O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais do século XVIII. In: Reis, João José & Gomes, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio*. História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.164-192.
- Reis, João José. Escravos e coiteiros no Quilombo do Oitizeiro. In: Idem & Gomes, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio*. História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.332-372.

- Reis, Liana Maria. Vivendo a liberdade: fugas e estratégias de sobrevivência no cotidiano escravista mineiro. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 16 (31-32): 179-192, 1996.
- Scarano, Julita. À margem do sistema: quilombos e revoltas. In: *Cotidiano e solidariedade*. Vida diária da gente de cor nas Minas Gerais do século XVIII. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 118-133.
- Scarano, Julita. As irmandades. In: *Devoção e escravidão*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1978, p. 9-48.
- Schwartz, Stuart B. Cantos e quilombos numa conspiração de escravos haussás. In: Reis, João José & Gomes, Flávio dos Santos. *Liberdade por um fio*. História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 373-406.
- Venâncio, Renato Pinto. Cativos em dois mundos: uma comparação entre a escravidão em Lisboa e Ouro Preto no século XVIII. *Anais da XXI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica – SBPH*. Curitiba: SBPH, 2002, p. 197-202.

